



PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO LONDRINENSE: OS BARRACÕES DA FAMÍLIA SAHÃO

**Isabela Cruciol*

***Juliana Harumi Suzuki*

RESUMO

O presente artigo é parte de um trabalho desenvolvido no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UniFil acerca da reciclagem dos antigos galpões pertencentes à Família Sahão, visando a transformação do local em um Centro Cultural do Café para a cidade de Londrina. Por se tratarem de edificações de grande valor histórico em decorrência da época de sua construção – o auge da cultura cafeeira no Norte Paranaense – enfatiza-se a importância da preservação desses edifícios. A seguir, é apresentado um breve histórico sobre o surgimento de Londrina, a vinda do pioneiro Salim Sahão para o Brasil e, finalmente, a descrição das edificações, suas principais características e situação atual.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arquitetura; História de Londrina; Patrimônio Histórico; Preservação do Patrimônio.

ABSTRACT

The present article is part of a work developed during the undergraduate program of Architecture and Urbanization from UNIFIL, about the recycling of the old buildings that belong to the Sahão Family, aiming at the transformation of the place in a Coffee Cultural Center for the city of Londrina. Since they are edifications of great historical value due to the time when they were built, the apogee of the coffee culture in Northern Paraná, there is an emphasis on the

* Arquiteta e urbanista.

Graduada em 2002 pelo Centro Universitário Filadélfia - UniFil.

E-mail: isacruciol@hotmail.com

** Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UniFil.

Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

E-mail:harada@sercomtel.com.br

importance of preserving such constructions. Then, a brief history of the beginning of Londrina, the coming of pioneer Salim Sahão to Brazil, and, finally, the description of the buildings, their main characteristics, and current situation.

KEY-WORDS: History of Architecture; History of Londrina; Historical Patrimony; Patrimony Preservation.

A Influência da Cultura do Café na fundação de Londrina

Os primeiros sinais de ocupação no Estado do Paraná datam de meados do século XIX. O objetivo dessa expansão na região teve caráter militar, com a cobrança de pedágio e fiscalização das tropas e mercadorias rumo ao Mato Grosso e Paraguai. Para exercer tal função, foi fundada a Colônia Militar de Jataí. Em 1862, homens vindos de Minas Gerais, seguidos também por paulistas, chegaram à área de Cambará à procura de terras férteis para o cultivo agrícola. Começa aí a expansão do Norte Paranaense.

De acordo com SAHÃO (1989), no ano de 1924, por solicitação do presidente Arthur Bernardes, veio ao Brasil uma missão econômica inglesa, sendo dois de seus membros Simon Fraser e Lord Lovat, este último na qualidade de técnico em agricultura e reflorestamento. Lovat manifestou interesse em adquirir terras brasileiras para formar fazendas para o plantio de algodão. Surgiu então a empresa “Paraná Plantations Ltda.”, organizada e constituída em Londres, com o objetivo de comercialização das terras, e não de investimento em produção.

No mesmo ano, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) substituiu a firma inglesa, dando grande impulso ao processo de desenvolvimento da área. Segundo ARRUDA apud BACHETE (1994), sua atuação foi global e abrangeu diversos setores, determinando formas de assentamento humano nas áreas urbanas e rurais. O centro de toda a colonização foi o espigão divisor de águas entre as bacias do Ivaí e do Paranapanema. Conforme SHIMBA & UREN (2000), o projeto previa implantar, a cada dez a quinze quilômetros, uma estação na orla de uma área desbastada de um quilômetro quadrado destinada a ser patrimônio, centro comercial e abastecedores intermediários.

De acordo com CASTELNOU (1996), a CTNP garantia o direito de propriedade, a certeza de lucro e a livre iniciativa, atraindo assim colonizadores tanto do Brasil (mineiros, paulistas e nordestinos) como do exterior (japoneses, alemães e ucranianos). Alcançando pleno sucesso, o empreendimento possibilitou a formação de colônias no Norte e Centro do Estado, além de promover um dos mais altos índices de crescimento populacional do mundo, especialmente em Londrina. Al-



guns fazendeiros fundaram a Estrada de Ferro Noroeste do Paraná, depois chamada de Companhia Ferroviária São Paulo - Paraná. Em 1925, a ferrovia chegou à Vila Cambará e, em 1929, iniciou-se sua ampliação até Londrina.

Londrina adquiriu a condição de Município em 10 de Dezembro de 1934, com 1.300 habitantes, e se previa uma expansão para até 30.000 habitantes. Seu nome faz referência à capital inglesa, origem dos que a idealizaram como empreendimento. Os anos 30, de acordo com CASTELNOU (1996), foram denominados *Pioneirismo*, época em que a grande floresta foi praticamente devastada para dar lugar à cidade. A roçada de mato, a abertura de ruas e os respectivos serviços primários de urbanização, segundo ZORTÉA (1975), levaram mais ou menos dois anos. Mas, já em 1930, começaram as primeiras vendas de lotes rurais e “datas” no “patrimônio”.

Houve muita propaganda a respeito da fertilidade das terras. Tudo foi projetado com precisão, sob os moldes de uma malha urbana quadrangular, denominada “tabuleiro de xadrez”, com quadras de módulo cem por cem, orientadas na direção norte-sul. As primeiras construções tinham como estrutura, a madeira roliça, como vedação, o palmito rachado, como piso, o assoalho de tábuas cruas e, como cobertura, “tabuinhas” de cedro ou de pinho, de duas águas. Em 28 de junho de 1935, de acordo com BACHETE (1994), foi inaugurada a primeira estação ferroviária de Londrina, culminando com a chegada do primeiro trem Maria-Fumaça ao Município. A ferrovia foi uma das responsáveis pelo contínuo progresso de Londrina, durante a produção do café.

O resultado do esforço da primeira década, conforme CASTELNOU (1996), trouxe o benefício do progresso e do enriquecimento, marcando a *Fase do Desenvolvimento Comercial*, ou, *Terra do Eldorado*, ocorrida na década de 40. A população nesta década chega a 70.000 habitantes. O centro de Londrina passa a ser consagrado com edifícios públicos, comerciais e residenciais em alvenaria e telha cerâmica, caracterizando a forte influência paulista na conformação social e urbana. Surgem as grandes mansões em alvenaria na Avenida Higienópolis.

No final dos anos 40, ainda segundo CASTELNOU (1996), começaram a surgir as primeiras preocupações com a ocupação do solo, quando entra em ruína a aparente ordem que o capital inglês definiu para o crescimento da cidade. Ao redor do perímetro urbano, a CTNP havia traçado uma faixa de terras a serem cortadas em lotes de 1 a 3 alqueires, com a finalidade de serem abertas clareiras para hortas, granjas e pequenas culturas. Entretanto, com o crescimento da cidade, essas chácaras que serviam de “cinturão verde” desapareceram, dando lugar a loteamentos que atendiam aos interesses dos loteadores, sem uma orientação geral.

A década de 50, de acordo com SHIMBA & UREN (2000), ficou marcada pelas fortes geadas que colocaram em crise a produção cafeeira, culminando com o surgimento de novos cultivos e da mecanização agrícola, coincidindo, por outro lado, com a maciça entrada de capital estrangeiro no país. Tal crise gerou um processo de migração campo-cidade e, conseqüentemente, a verticalização do centro. Além disso, edificações ligadas a serviços, comércio, lazer, administrativo, jurídico, político, educação e saúde começaram a proliferar, devido à demanda de população da época.

Em 1951, foi criado o primeiro instrumento regulador do crescimento de Londrina – a Lei nº 133 – que setorizava as áreas segundo suas diferentes classes sociais, transformando a região central na sede do capital comercial da política administrativa.

Na década de 60, ou *Fase de Desenvolvimento Industrial* de Londrina, segundo CASTELNOU (1996), há uma acelerada implantação de indústrias na cidade, bem como o início do programa de erradicação do café para aumento de áreas de pastagens. Cria-se um processo de integração estadual, com a construção da Rodovia do Café como eixo de ligação com o porto de Paranaguá. A mão-de-obra excedente começa a migrar novamente para a periferia e áreas rurais, gerando um grande volume de população de baixa renda, o que acabou por ocasionar problemas sociais. Londrina, na época a terceira cidade mais populosa do Estado, com cerca de 72.000 habitantes, passa a desenvolver, junto ao poder público e por intermédio do BNH, financiamentos de conjuntos habitacionais na região Norte, que ajudariam a solucionar o problema social existente.

A cidade também ratifica sua posição de pólo de atração não só econômica, como cultural e de serviços, ampliando o cenário urbano com edifícios na área hospitalar, de lazer, de indústrias, de habitação, de serviços, de comércio e, fundamentalmente, na área de educação e cultura. Ganha personalidade como sociedade, conformando-se aos padrões de mudança.

Conforme CASTELNOU (1996), na década de 70, ou *Fase de Desestruturação Urbano-Regional*, houve o avanço do Capitalismo, atingindo o setor agrário: a política agrícola voltou-se para a produção de grãos, visando o mercado externo. Passou a haver o predomínio do capital urbano industrial e bancário e a ocorrer a expansão do binômio soja-trigo em áreas anteriormente cafeeiras. Assim, o processo de erradicação do café atingiu a vida econômica e social do Norte do Paraná. A população crescente fez de Londrina, nessa década, a segunda cidade do Estado em número de habitantes, com um crescimento de 115,3% em um período de 10 anos.



O governo estadual passa a incentivar a instalação de indústrias através da isenção de impostos. De acordo com BACHETE (1994), aumenta o processo de verticalização do centro, é criado o Parque Industrial, expande-se a construção de conjuntos habitacionais, atualizam-se os sistemas de água e esgoto, a distribuição de energia elétrica e comunicações é racionalizada, são construídos estádios e ginásios, é ampliada a rede municipal de ensino, além de serem criadas a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e o Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON). Ainda nessa década, acontecem grandes especulações imobiliárias nos vazios urbanos entre o centro e a periferia, como o Lago Igapó e os fundos-de-vale. Outros acontecimentos históricos foram a revitalização do Lago Igapó e a transformação da Avenida Paraná em Calçadão.

A década de 80, conforme SHIMBA & UREN (2000), foi bem marcada pela preocupação da administração pública da cidade. Houve a retirada da ferrovia e a criação da Via Expressa, bem como uma nova lei de Zoneamento, para incentivar o crescimento da ocupação que já estava ocorrendo. É criada a Via Leste-Oeste. Nos anos 90, com cerca de 450.000 habitantes, e com a criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), os objetivos passam a atender anseios populacionais, como a melhoria da qualidade ambiental e a preservação do patrimônio urbano da cidade.

A Londrina dos anos 90 surge como um grande acontecimento, impulsionado pelo sopro do desejo coletivo. Seus marcos se somam ou substituem os desenvolvidos no início, através de arquiteturas que se auto-representam na sua historicidade. Há em cada biografia arquitetônica motivos suficientes de interesse, como meios de revelar o concreto significado e o sentimento de consequência das leis que regulam a vida e o destino da cidade. Sendo a arquitetura absolutamente inseparável da experiência da vivência urbana, parece legítimo apreciar a cidade, na sua espacialidade e estruturas típicas, em inter-relações que a definem como cidade cenário.

O Pioneiro Salim Sahão

Salim Sahão nasceu em Hasbaya, pequeno povoado ao sul do Líbano, em 19 de janeiro de 1900. Começou a trabalhar cedo, ao mesmo tempo em que freqüentava a escola primária. De família humilde, sempre ajudou seus pais, que vendiam casulos de bicho-da-seda. Além disso, trabalhou como aprendiz na oficina de seu pai, que também era sapateiro. Adquiriu prática e aperfeiçoou-se no corte de couros finos, o que em pouco tempo possibilitou a ampliação de seus negócios. Durante a Primeira Guerra, trabalhou incansavelmente de modo a não permitir que

sua família passasse necessidades.

Conforme SAHÃO (1989), em outubro de 1920, Salim começou a preparar sua vinda ao Brasil, acompanhado de seu tio João Abib. Desembarcou em Santos no dia 30 de janeiro de 1921. SAHYUN, seu sobrenome original, foi “abrasileirado” logo que chegou ao país. Começou a trabalhar como ajudante no armazém de seu tio João, em Ibitinga. Contudo, não era isso que desejava para si, e, após alguns meses, conseguiu crédito para montar seu próprio “boteco”. Açúcar mascavo, pimenta, macarrão, fumo e bebidas eram alguns dos produtos comercializados por ele.

Com o tempo, seus negócios cresceram e Salim passou a comprar algodão e revendê-lo às máquinas. Pouco depois, foi aconselhado por seu tio João a comprar e montar sua própria máquina de algodão, o que lhe rendeu muitos lucros e algumas reclamações. Vendeu a máquina e passou a interessar-se por negócios de arroz. Já bastante conhecido e com bom nome na praça, começou a negociar milho, feijão e café com as firmas Irmãos Callarge e Elias Callarge, de Campo Grande. Tinha então uma máquina de café em Guarantã, negócio bom e fácil, pois se tratava de uma época de grande valorização do produto.

Durante os anos de 1929 e 1930, com o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o preço do café caiu abruptamente, e Salim Sahão perdeu tudo o que tinha. Foi morar em uma venda de estrada, onde comercializava tecidos, secos e molhados, entre outros. Em 30 de janeiro de 1930, casou-se com sua prima-irmã, Alice. Mudaram-se para uma casa alugada em Jaú e tiveram 2 filhos. Salim continuava trabalhando na região Noroeste e em Guarantã, comprando cereais e entregando-os em Jaú.

No ano de 1933, depois de mudar-se para Cambaratiba, e através da compra e venda de algodão, Salim comprou sua primeira fazenda: Guararema. Começou então a plantar algodão, arrendando fazendas vizinhas. Com o lucro obtido, foi adquirindo outras fazendas, como Angical, Plumado, Fazenda São José, São José da Figueira, Santo Antônio, Ventania, Palmares, Santa Olinda e Bela Vista.

Em 30 de agosto de 1935, Salim veio a Londrina assumir sozinho 45 alqueires de terras compradas de alguns de seus empregados de Cambaratiba. Seus empregados iriam devolver as terras à Companhia de Terras Norte do Paraná, pois não acreditavam no futuro delas. Em 1937, iniciou-se a construção, em Londrina, da máquina de café Santa Maria, localizada à Rua Paraíba. Sua construção, inédita em todo o Norte do Paraná, foi toda em alvenaria, o que contrariava as usuais construções em madeira da época.

Em 1943 e 44, construiu um armazém numa extensão de um quarteirão inteiro, além de vários outros armazéns e a primeira máquina de algodão de Londri-



na, ocupando dois quarteirões, todos em tijolos. Formou as fazendas São Manoel e Santa Maria, hoje quase dentro da cidade de Londrina, uma fazenda em Jaguapitã, uma em Paracity e uma em Paranaíba. Foi nesta última cidade que construiu seu primeiro hotel: Hotel do Carabina.

No ano de 1945, Salim e sua esposa moravam em uma pequena casa de madeira, enquanto esperavam a construção de sua nova casa à Rua Maragogipe, com dois pavimentos, 30 cômodos e paredes de tijolos duplos. O engenheiro responsável foi Omar Rupp e o construtor foi João Grandine, de São Paulo. A casa foi concluída em janeiro de 1946. Nessa época, de acordo com SAHÃO (1989), Salim começou a expandir seus negócios em Maringá, construindo uma máquina de algodão, de café, uma casa de comércio – São Jorge - e um armazém de cereais. Construiu também em Apucarana dois ou três armazéns e casas, além de uma máquina de algodão e café em Rolândia, e uma máquina de cereais em Mandaguari. Foi então formada a “Comércio e Indústria Sahão S. A.”, a antiga “Sahão e Cia.”.

E foi pensando em um modo de recompensar Londrina pela ótima acolhida e prosperidade recebida que Salim comprou um terreno no centro da cidade, com 9000 metros de alicive, para a construção do melhor hotel das redondezas. Na época, não havia energia elétrica para os elevadores, nem água ou esgoto suficiente para atender a um edifício daquele porte. Salim encomendou então um gerador alemão para o fornecimento da energia, fez fossas para substituir o esgoto e comprou um caminhão tanque para remover os detritos.

A Construtora Zancaner, de São Paulo, edificou a obra. Foram empregados tijolos de vidro importados da Suécia e mármore de Carrara. No pavimento térreo foram instaladas agências da REAL (companhia de aviação tradicional, já extinta), do Banco Crédito Real de Minas Gerais, bem como o escritório da família. Foi feito um salão no 8º andar para 400 pessoas, com terraço dando vista para os quatro cantos da cidade. A inauguração do “Edifício Sahão” e do “São Jorge Hotel” aconteceu em 29 de novembro de 1952.

Os negócios em Cambaratiba continuavam e foram se expandindo com a construção de olarias, granja, máquina de café, serraria e o alambique da “Caninha Cambaratiba”. Apesar de toda sua fortuna, Salim continuava sendo a mesma pessoa humilde que anos antes chegara ao Brasil a procura de trabalho. Do início ao fim de sua vida, Salim administrou seus negócios pessoalmente, trabalhando sem cessar, e demonstrou sua garra e coragem ao ter de recomeçar tudo do zero, até ser reconhecido, em meados dos anos 50, como o “príncipe do café”. Faleceu aos 77 anos em 11 de novembro de 1977, deixando viúva Dona Alice Sahão e seus quatro filhos: Michel, Manoel, José e Alia.

Os Antigos Galpões de Café e Algodão

O conjunto de barracões pertencentes à família Sahão está situado na quadra entre as Ruas Paraíba e Maragogipe, Travessa Belo Horizonte e Avenida Leste-Oeste, e foram construídos entre as décadas de 40 e 50. Segundo BACHETE (1994), sua construção não foi ao acaso, mas sim uma estratégia para facilitar a carga e descarga dos produtos, pois os barracões situavam-se às margens da ferrovia e permitiam a entrada de trens através de braços de linhas férreas até suas proximidades.

O desnível total, da Rua Paraíba até a Avenida Leste-Oeste, é de 11 metros. O quarteirão é composto por 12 barracões e algumas edificações de apoio, como a antiga administração, a balança, a caixa d'água, a casa de força, e as tulhas de algodão (Fig. 1). As edificações encontram-se em péssimas condições de conservação e, desde que perderam sua utilização, não adquiriram nova função, a não ser a de ainda abrigar algumas das antigas máquinas de beneficiamento de café e algodão, móveis e outros objetos da família.

O conjunto possui uma tipologia característica da arquitetura industrial, onde é possível identificar elementos *Art Déco*. O complexo se caracteriza por edificações em alvenaria, predominantemente marcadas por seu desenho de cobertura em duas águas - muitas vezes acompanhados por frisos e molduras, os quais se apresentam em diversas espessuras, sempre em linhas retas - demarcando a forma principal de cada edificação. Internamente, o madeiramento das coberturas é aparente e foi executado com bastante esmero.

As janelas são todas em ferro e vidro e, em sua maior parte basculantes. As portas também são de ferro, do tipo de enrolar. Todos os edifícios são em alvenaria rebocada e pintada, com exceção do Bloco III, cujas fachadas foram feitas em tijolos aparentes. Por se tratar de um espaço de carga e descarga e de serviços pesados, as circulações entre barracões não receberam nenhum tipo de tratamento, como pisos ou vegetação. A pavimentação é feita apenas em cimento comum.

Para auxiliar na descrição das edificações, os barracões foram divididos em blocos. O *Bloco I* situa-se na esquina entre a Rua Paraíba e Travessa Belo Horizonte, e é onde se percebe maior minúcia com a forma das janelas e com os acabamentos da cumeeira. Construído em 1937, consiste na primeira edificação em alvenaria de Londrina e da família. O conjunto é formado por três barracões, com cobertura cerâmica (Fig. 2).

O *Bloco II* é um galpão construído em 1952, para armazenamento de algodão e café, sendo composto por três partes: um volume de esquina na Rua Paraíba e mais dois barracões com acesso pela Rua Maragogipe. O edifício de esquina possui dois pavimentos, sendo o superior antes destinado ao escritório da empre-

sa. Este é o que mais apresenta elementos decorativos, como frisos e molduras nas janelas e portas. Sua cobertura é a única com platibandas, e sua cor predominante é o amarelo. Atualmente ele é utilizado para o comércio de artigos em couro, e sua antiga administração adquiriu uso residencial. Os outros dois barracões que compõem o bloco possuem cobertura aparente em duas águas, e iluminação do tipo *shed*, sem maiores preocupações quanto à estética (Fig. 3).

Os demais blocos foram construídos também em 1952, sendo o *Bloco III* constituído por três armazéns em tijolos aparentes, com acesso pela Rua Maragogipe. Suas coberturas são aparentes em duas águas e dois deles possuem iluminação do tipo *shed*. Percebe-se aí alguma elaboração de ordem estética, apesar de não haver qualquer elemento decorativo (Fig. 4).

O *Bloco IV* é caracterizado pelo braço de extensão da linha férrea que levava os vagões de carga mais próximos da construção, e que quase não apresenta elementos decorativos. O bloco faz frente com a Avenida Leste-Oeste e apresenta três barracões, os quais possuem “mãos francesas” para a sustentação da cobertura localizada junto à antiga ferrovia, onde eram condicionantes a amplidão do espaço, a facilidade de acesso para carga e descarga e a segurança contra intempéries. Suas coberturas constituem-se de duas águas aparentes e a cor predominante é o branco (Fig. 5).

Além dos barracões, há ainda duas edificações na quadra. A primeira, na Rua Paraíba, com apenas um pavimento e elementos decorativos como os do Bloco II, aparenta ter sido parte da administração dos barracões (Fig. 6). A segunda, na Travessa Belo Horizonte, não apresenta preocupações estéticas e parece ter abrigado a casa-de-força de todo o conjunto.

De modo geral, não há qualquer sinal de conservação dessas edificações, a pintura está descascando, as portas em rolo estão enferrujadas e praticamente todos os vidros foram quebrados. Os barracões estão sempre vazios, sendo alugados apenas em época de colheita, pela Companhia Cacique de Café Solúvel.

CONCLUSÕES

De acordo com BACHETE (1994), pode-se dizer que o conjunto dos barracões constitui um complexo funcional criado para o armazenamento de cereais, de valor artístico bastante limitado, dadas às suas razões de uso. O interesse estético dirige-se mais à sua técnica construtiva, sua disposição urbana e, especialmente, sua época histórica. Entretanto, identifica-se a marcação de pilastras, frisos superiores e platibandas em degraus, além de cantos arredondados – elementos típicos do estilo *Art Déco*. Este estilo constitui num modelo simplificado do

decorativismo histórico que enfatizava simetria, fachada principal e uso de molduras e frisos ornamentais, muito comum no Brasil dos anos 40.

No que se refere ao entorno, podemos dizer que a área em questão apresenta algumas modificações se comparadas à época de construção dos barracões, quando muitos lotes eram ainda vazios. Hoje há ainda algumas residências em madeira construídas na década de 30, 40 e mesmo 50, época em que também foram construídas algumas casas em alvenaria, como a residência da Família.

O valor artístico dessas construções pode até ser questionado, por serem obras sem qualquer sinal de vanguardismo estético ou estilístico, ou ainda por não possuírem o título de arquitetura erudita. Porém, trata-se de construções pertencentes à fase pioneira de Londrina, que possuem grande valor histórico, tornando importante a sua preservação.



Figura 1 – Caixa d'água, balança e tulha.
(FONTE: CRUCIOL, 2002)



Figura 2 – Bloco I.
(FONTE: CRUCIOL, 2002).



Figura 3 – Bloco II.
(FONTE: CRUCIOL, 2002).



Figura 4 – Bloco III.
(FONTE: CRUCIOL, 2002).



Figura 5 – Bloco IV.
(FONTE: CRUCIOL, 2002).



Figura 6 – Antiga administração.
(FONTE: CRUCIOL, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHETE, L. **Acervo Sahão: reconhecimento de um patrimônio**. Londrina, 1994. Trabalho Final de Graduação. Centro de Estudos Superiores de Londrina.
- CANCIAN, N. A. **Cafeicultura paranaense, 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.
- CARMONA, R. de C. **Reciclagem da algodoeira Sahão**. Londrina, 1985. Trabalho Final de Graduação. Centro de Estudos Superiores de Londrina.
- CASTELNOU, A. M. N. **Panorama geral da arquitetura londrinense**. Londrina, 1996. Trabalho de Pesquisa. Centro de Estudos Superiores de Londrina.
- CRUCIOL, I. **Centro Cultural do Café: reciclagem dos barracões da Família Sahão em Londrina**. Londrina: 2002. Trabalho Final de Graduação. Centro Universitário Filadélfia.
- JOFFILY, J. **Londres – Londrina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.



JORNAL Oficial do Município de Londrina. Londrina: Imprensa Oficial do Município de Londrina, ano 2, n.104, jul. 1998.

PLANO Diretor do Município de Londrina. Disponível em: <www.ippul.pr.gov.br>. Acesso em: 12.06.2002.

SAHÃO, S. **Salin Sahão meu avô.** Londrina: Cotação, 1989.

SHIMBA, O. A.; UREN, F. H. da R. **Londrina cidade cenário.** Londrina: Midiograf, 2000.

ZORTÉA, A. J. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida.** São Paulo: Juriscredi, 1975.